



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7076 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

HITAR OU FLOPAR: TIKTOK, ATUALIZAÇÃO DOCENTE E MILITÂNCIA VISUAL

Pâmela Souza da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rodrigo Torres do Nascimento - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

HITAR OU FLOPAR: TIKTOK, ATUALIZAÇÃO DOCENTE E MILITÂNCIA VISUAL

PARABOLICAMARÁ

Gilberto Gil

*Antes longe era distante
Perto, só quando dava
Quando muito, ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes, den de casa, camará
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo dá volta, camará*

*De jangada leva uma eternidade
De saveiro leva uma encarnação*

*Pela onda luminosa
Leva o tempo de um raio
Tempo que levava Rosa
Pra aprumar o balaio
Quando sentia que o balaio ia escorregar
Ê, volta do mundo, camará
Ê-ê, mundo dá volta, camará(...)*

Esta pesquisa é uma aposta na relevância do universo das imagens visuais, das potências estéticas para além do acervo curricularmente autorizado na escola, ou seja, da Arte e Ciências outorgadas.

Buscamos através do diálogo com alguns fenômenos que se destacam meio à produção visual das juventudes contemporâneas, evidenciar aspectos relevantes para a atual formação escolar, dentre elas, destacamos o aplicativo TikTok, rede social de criação, edição e

compartilhamento de vídeos criados por sujeitos cujas realizações artísticas envolvem o cuidado de si (FOUCAULT, 2002) na invenção visual de seus corpos remetida ao diálogo com os que transitam nas mesmas redes identitárias, além da afirmação política de seus pertencimentos. As coreografias e canções que criam e apresentam favorecem o entendimento da mutabilidade e alcance da produção artística, que nesse caso, ressignifica algo que facilmente seria considerado, sob os critérios estéticos supostamente hegemônicos, como desqualificado e condenável. Contudo, as performances e canções apresentadas nos vídeos despertou grande admiração e manifestação de afeto de muitos jovens que transitam, constituem e ocupam territórios virtuais nas redes virtuais, driblando de certo modo o estreitamento dos espaços que lhe são oferecidos.

Enquanto professores de Artes, a questão que deflagrou a pesquisa foi o distanciamento entre os currículos oficiais e a produção de saberes criados e dinamizados pelos jovens. Saberes que são úteis e até indispensáveis à formação continuada que a vida nas escolas proporciona aos seus profissionais, sobretudo os docentes. Partindo-se do pressuposto que estar na escola é estar exposto ao aprendizado, vamos à escola atual ainda para aprender e ensinar, contudo, de muitas maneiras e meios para além do programa oficial.

Tomamos a visualidade como modo de ser e fruir a imagem resultante do cuidado de si e da projeção dessa criação no mundo. Ou seja, como cada jovem edita as suas imagens pessoais e como cada uma dessas imagens funcionava como parte vital das transitórias paisagens dos seus coletivos. Tais imagens, conforme a pesquisa pode constatar, eram indelévels se destacadas dos imaginários, das práticas linguísticas, dos afetos e demais identificações que unia seus praticantes e autores, sobretudo das preferências estéticas que as realidades juvenis açambarcam e produzem. Este entendimento nos levou a avançar no universo das preferências e referências estéticas e artísticas dos jovens. Entrar em contato com a circulação das imagens meio aos seus circuitos culturais desafiou conhecer suas potencialidades, os modos de fazer e apreciar as imagens para além das concepções e limites curriculares interiores e exteriores às escolas.

#IB – *Inspired by*

Ao longo da investigação, muitas práticas e criações juvenis surgiram portadoras de potência epistêmica, realizações estéticas que consolidavam laços e abrigos identitários e para tanto implicavam na criação de modos de estar no mundo e conduzi-los. Técnicas de comunicação, recurso à símbolos, referências visuais com audaciosa criatividade surgiam como percursos existenciais, que entre outros paradiros, conduziam os jovens às escolas, incluindo modos de criar outros espaços dentro do campo estratégico (CERTEAU, 1994) escolar. Cartografias de vidas ainda curtas amalgamavam espaços e tempos em trajetórias esteticamente afirmadas envolvendo corporeidade, vocabulários, sotaques e pronúncias, gestos e movimentos, expressões faciais, e sonoridades que, redundavam no espetáculo pessoal e coletivo de ambos os corpos.

O TikTok e a gigantesca parcela de artistas sobre os quais deitamos nosso olhar, confessadamente afetado, criam corajosamente excêntricas imagens de si, *selfies* em foto ou vídeo. Julgamos importante, em benefício do melhor entendimento da dimensão ocupada pela imagem no plano virtual, retomar algumas considerações de Mirzoeff (2015) ainda em relação ao *selfie*. Criação e compartilhamento da imagem que se escolhe para si. Mutável, editável, substituível, enfim, livre na inventividade das redes. No capítulo “*Selfies* e a maioria planetária” (idem p. 63), o autor observa que, na atualidade de grandes e intensas transformações, as categorias de identidade estão sendo refeitas e reformuladas. Mirzoeff (2015) afirma que o lugar onde podemos perceber estes vislumbres é a *selfie*. Isto porque,

quando as pessoas comuns se produzem e posam da melhor forma que podem para a *selfie*, elas alcançam momentaneamente o papel de artista-como-herói.

#FYP – For Your Page

Concluindo as observações e considerações a respeito da movimentação dos vídeos e imagens visuais entre os espaços domésticos de suas criações e a partilha global, destacamos a condição de oficina e vitrine das redes sociais e demais canais virtuais, nos quais a vida é experimentada e representada por meio das imagens visuais, de paisagens, objetos, auto retratos, *selfies*, registro de atividades, ou de grupos, fatos corriqueiros, cotidianos até acontecimentos no trabalho, festas, eventos sociais ou de lazer são editados de modo a fabular existências, tal uso e projeção faz de muitos usuários das redes autores livres de poéticas que se não mostram a vida concreta que representam, faz com que sob certo aspecto aconteçam. As imagens publicadas, apontam, evidentemente, as adesões, gostos e demais posicionamentos identitários e sociais de seus autores. Mas, quando o uso é para, assumida e diretamente, exibir uma criação artística, por menos pretensiosa que seja, encontramos a virtualidade como área de disputa e ocupação hábil pelos jovens criadores. Cineastas, músicos, cantores, performers, dançarinos, etc. que por diversas razões, dentre as quais sobressaem os obstáculos socioeconômicos, passam ao largo dos espaços e sistemas tradicionais de formação, produção e apresentação de trabalhos artísticos, legitimam suas obras e processos por meio de indiscutível e volumosa repercussão pública. A partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005) se dá em termos há pouco tempo impensáveis. Atravessam as mediações entre visualidade, visibilidade e poder, reconfigurando os sentidos do universo simbólico. O que, nos parece exigir a revisão dos critérios comumente utilizados nas experiências visuais, sensíveis, estéticas e portanto, culturais que meio a trama social e política cada vez mais centrada no olhar e nas políticas do ver e tornar visível/invisível condicionam a percepção individual e coletiva da atualidade do mundo.

Palavras-chave:

Escola; Cotidiano; Cultura visual; Imagens; Juventude.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

LATHER, P. & ST. PIERRE, Elizabeth A. **Post-qualitative research**. International Journal of Qualitative Studies in Education, 2013.

MAFFESOLI, M. **L'ombre de Dionysos**. Contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Méridiens, 1982.

_____. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MITCHELL, W. **Iconology: Image, Text, Ideology**. Chicago: U. of Chicago P, 1986.

MIRZOEFF, N. **How to See the World: An Introduction to Images, from Self-Portraits to Selfies, Maps to Movies, and More**. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

RANCIÈRE, J. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005.

VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo, Perseu Abramo, 2007.